

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
SOB BASES ESTILÍSTICAS:  
POR UMA APROXIMAÇÃO  
ENTRE GRAMÁTICA E ESTILÍSTICA<sup>2</sup>**

Marilza Maia S. Paiva (UERJ)  
[marilza.maia@gmail.com](mailto:marilza.maia@gmail.com)

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Aproximar Estilística e Gramática não é um dado incomum nos tratados estilísticos. A própria subdivisão sugerida na nossa literatura, *estilística léxica ou da palavra, estilística fônica, estilística mórfica e estilística sintática*, segue a estrutura da divisão da gramática tradicional. Qual o propósito dessa aproximação? Considerar a sensível fronteira (se há) entre uma e outra? Ou a necessidade de se inter-relacioná-las?

Não se ignora que o objeto de estudos de cada uma das disciplinas é o que as singulariza, consoante a definição que Mattoso Câmara (2004a, p. 110) apresenta no *Dicionário de Linguística e Filologia*:

Estilística - Disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de EXPRESSIVIDADE da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar e suggestionar. Distingue-se, portanto, da gramática, que estuda as formas linguísticas na sua função de estabelecerem a compreensão na comunicação linguística. A distinção entre a estilística e a gramática está assim em que a primeira considera a linguagem afetiva, ao passo que a segunda analisa a linguagem afetiva.

O objeto de estudo difere sem negar a interface entre essas duas áreas do conhecimento, de modo que não se concebe mais um estudo estilístico voltado exclusivamente para o inventário de figuras de linguagem que, durante muito tempo, conduziu a Estilística Retórica. O inventário continua profícuo nos estudos contemporâneos à retórica, mas identificar a figura não basta; é necessário, antes, en-

---

<sup>2</sup> Esse trabalho é fruto de nossa participação no projeto *Matrizes técnico-teóricas para uma estilística semiótico-funcional: modelo aplicado*, coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dra. Darcília Simões.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

tender a eficácia do uso de um determinado recurso estético, o caminho de produção de sentidos nos estudos que se pretendem estilísticos.

Ao mesmo tempo, a aproximação requer pensar o ensino de língua portuguesa menos estanque, de forma que os planos da língua sejam concatenados com o propósito de se apreender a estrutura em concomitância com a expressividade que burila o fato gramatical, todo o tempo nas relações de linguagem.

Não faz sentido, pois, pensar, estudar a gramática da língua sem atrelá-la à Estilística. Em virtude disso, partimos de reflexões sobre a multifuncionalidade da linguagem proposta por Halliday (1985) a fim de pensar a pseudodicotomia que se pretende entre Gramática e Estilística no âmbito do ensino.

### ***1. Perspectiva estilístico-gramatical no ensino de língua portuguesa com foco na variação***

Não é de hoje que nossos principais estilólogos vêm apregoando que Estilística e Gramática são complementares (cf. CÂMARA JR., 2004, p. 13). No entanto, ainda são comuns tentativas de estudo de texto que se baseiam exclusivamente ora nas figuras de linguagem ou de poética, ora no reconhecimento das funções morfossintáticas das palavras em um texto, com objetivos puramente classificatórios.

Nesse sentido, ambas as tarefas de estudo, tanto em relação à Estilística quanto à Gramática são redutoras. Primeiro porque a leitura estilística não se restringe à identificação de metáforas, metonímias, onomatopeias, entre outras tantas figuras de linguagem. Para que o estudo baseado nas figuras não perca a sua força expressiva, é necessário contextualizá-las a outros elementos da rede estilística, que compreende também o fenômeno da variação linguística, do ponto de vista sociocomunicativo, as noções de desvio & norma, além da noção de escolha, em que se imbricam todos os outros fenômenos que carregam a intenção comunicativa do enunciador (ou do produtor de textos).

A segunda tarefa, que se refere à leitura puramente gramatical, se mostra demasiada insuficiente e improdutiva nas aulas de língua portuguesa, posto que a gramática vista como um fim em si

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

mesma, com ênfase nos aspectos estruturais da língua (apenas!), na nomenclatura e na metalinguagem, reduz o processo de ensino-aprendizagem.

E qual seria o resultado da interação entre estilística e gramática? Buscamos em Câmara (2004, p. 24) um bom início para essa interação,

Consiste em assinalar, ao lado de um sistema de fundo intelectual, um sistema de expressividade que nele se insinua e com ele funciona inelutavelmente. Assim, compreendida, é o complemento da exposição gramatical, desdobrando-se, como esta, no exame dos sons, das significações e das ordenações formais; (...)

Abrangem-se, destarte, todos os valores expressivos que se acham em potencial numa língua e se podem realizar nas mais variadas circunstâncias da atividade linguística.

(...) Apenas cabe ressaltar que num poeta, da mesma sorte que em Platão ou Confúcio no âmbito da linguagem representativa, os traços são mais típicos e mais nítidos, pois os processos estilísticos se acham a serviço de uma psique mais rica e especialmente educada para o objetivo de exteriorizar-se.

As palavras do autor evidenciam, pelo menos, duas informações essenciais: uma considera que os fatos linguístico-gramaticais, ou os estilísticos, não têm funcionalidade se isolados e, outra, que é truismo repetir, apontar que o potencial expressivo não é exclusividade do texto literário, mas resultado de uma complexidade de fatos interligados – linguísticos, sociais, culturais etc. – que funcionam e interagem numa dada atividade linguística.

Conforme observa Pereira (2002, p. 220), na perspectiva de linguagem funcional, fato linguístico e fato estético mantêm uma espécie de relação simbiótica, sem valoração de um ou de outro, reconhecidas as singularidades de, em determinadas situações de uso da língua, um ou outro aspecto tenda a se destacar.

Se se tenciona olhar o texto-objeto tendo em vista o fenômeno da variação, é inevitável o foco no que habitualmente (e erroneamente!) é visto como dicotomia entre as formas padrão (ou culta) e não padrão, sobretudo no âmbito da leitura escolar que se costuma fazer da língua. Numa visão funcional de língua, em que o uso é o cerne da linguagem, essa dicotomia se desfaz. A proposta é a de apetrechar-se o estudante de suporte linguístico para que ele possa transitar

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

nas diversas situações de uso da língua a que normalmente se expõe no cotidiano. De acordo com Possenti (1997), norma culta não se ensina, se pratica. A prática, contudo, não é superficial, mas cerceada pelas necessidades e intenções comunicativas. É, pois, indubitável que cabe à escola garantir o acesso à língua padrão, em prol da eficiência comunicativa e não como uma forma homogênea de comunicação e de produção de sentido(s). Nesse sentido, o ensino de língua materna pautado somente na norma padrão é retrógrado, porque não atende às necessidades comunicativas do usuário da língua.

A exploração de textos-musicais tem-se mostrado bastante produtiva no trabalho com as variantes sociais em aulas de língua portuguesa. Demonstramos com a famosa tríade da linguagem: 1) a linguagem culta, a de maior prestígio social, empregada pelos falantes mais escolarizados, e que obedece rigorosamente às prescrições da modalidade escrita padrão, consagrada pelos gramáticos e pelos escritores mais renomados. Essa linguagem é, via de regra, modelo nos meios de comunicação de massa que circulam nos diferentes grupos sociais; (2) a coloquial, de falantes escolarizados em ambiente familiar e que acata o uso de gírias e pequenas transgressões à dita norma culta e, por fim, (3) a popular, de falantes analfabetos ou de precária instrução escolar.

Duas letras de música servem como exemplo às reflexões que sugiro:

<i>(1) Linguagem Culta</i> (Chico Buarque)	<i>(2) Popular</i> (3) (Patativa do Assaré)
Tudo lá no morro é diferente Daquela gente não se pode duvidar Começando pelo samba quente Que até um inocente Sabe o que é sambar. Outro fato muito importante E também interessante É a linguagem de lá. Baile lá no morro é fandango Nome de carro é carango Discussão é bafafá Briga de uns e outros Dizem que é burburim Velório no morro é gurufim Erro lá no morro chamam de vacilação Grupo do cachorro em dinheiro é um cão	Sou fio das mata, cantô da mão grossa Trabaio na roça, de inverno e de estio A minha chupana é tapada de barro Só fumo cigarro de paia de mio. Sou poeta das brenha, não faço o papé De argum menestrê, ou errante cantô Que veve vagando, com sua viola, Cantando, pachola, à percura de amô. Não tenho sabença, pois nunca estudei, Apenas eu seio o meu nome assiná. Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre, E o fio do pobre não pode estudá. Meu verso rastero, singelo e sem graça, Não entra na praça, no rico salão, Meu verso só entra no campo da roça e dos oito

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Papagaio é rádio Grinfa é mulher Nome de otário é Zé Mané Numa vasta extensão Onde não há plantação Nem ninguém morrando lá Cada um pobre que passa por ali Só pensa em construir seu lar E quando o primeiro começa Os outros depressa procuram marcar Seu pedacinho de terra pra morar E assim a região sofre modificação Fica sendo chamada de a nova aquarela E é aí que o lugar Então passa a se chamar favela Se o operário soubesse Reconhecer o valor que têm seus dias Por certo que valheria Duas vezes mais o seu salário Mas como não quer reconhecer É ele escravo sem ser De qualquer usurário Abafa-se a voz do oprimido Com a dor e o gemido Não se pode desabafar Trabalho feito por minha mão Só encontrei exploração Em todo lugar Se o operário soubesse Reconhecer o valor que têm seus dias Por certo que valheria Duas vezes mais o seu salário Mas como não quer reconhecer É ele escravo sem ser De qualquer usurário	E às vezes, recordando feliz mocidade, Canto uma sodeade que mora em meu peito.
--	--

Observemos que a linguagem escolhida em *A linguagem do morro* e em *O poeta da roça*, serve de representação ou de identificação de um povo, de um território sociocultural.

Em *A linguagem do morro*, a voz do autor não se confunde com a de quem ele quer, pela linguagem, representar. Esse distanciamento já aparece bem demarcado, nos versos iniciais do texto-musical, com o uso do adjunto adverbial *lá*: “Tudo lá no morro é diferente”. A linguagem utilizada para se expressar é a do autor, não a do povo representado na canção. Vemos, pois, uma linguagem polida, para tratar de particularidades da linguagem de uma determinada comunidade: a do morro. E a riqueza dos exemplos de que se vale o

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

autor, comparando os dois modelos de linguagem – o falar culto, aceito nas instâncias sociais de maior prestígio e, o popular, que é aceito numa determinada comunidade de fala ou em situações de comunicação corriqueiras – mostra, ao mesmo tempo, a dinamicidade da linguagem e o estilo, em relações intercambiáveis.

Em *O poeta da roça*, a linguagem que se quer representar é assumida pelo autor, que se insere no grupo social caipira, escrevendo em primeira pessoa. Os itens léxicos escolhidos para reforçar a proposta inserida no título, também representam o falar caipira de modo geral. Também pode ser constatada a denúncia da precária formação escolar, como forma de justificar a linguagem usada no texto.

Observe-se que as escolhas do autor não caricaturam a fala caipira, ao contrário, apresentam nuances da língua nacional que, ao nosso ver, se ignoradas do contexto escolar, reduzem o ensino de língua portuguesa a uma artificialidade que não condiz com a prática linguageira do falante.

Nos dois exemplos, somos brindados com sensíveis imagens que evidenciam a riqueza da linguagem que se manifesta nos diferentes grupos sociais e de diferentes maneiras. Cotejar a observação dos traços linguísticos com Estilística, assenta o entendimento de que as escolhas linguísticas e estilísticas que fazemos, estão intrinsecamente relacionadas. Não podemos estudá-las isoladamente, porque a língua é um todo linguístico, que não se desintegra em partes. Essas escolhas também são a matriz do princípio de adequação. E, o papel da escola (sobretudo dos professores de língua portuguesa, mas também os das outras disciplinas) é essencial para tornar viável a noção de registros – *formal*, *semiformal* e *informal* – sem valorar variantes sociais ou regionais, mas pautada nas situações de comunicação. Conforme Simões (2005, p. 67), “desde cedo o aluno deve ser orientado para a variação dos usos linguísticos e para a necessidade de adequação dos registros”; destarte, o aluno terá condições de fazer escolhas conscientes, ou seja, terá condições de ser um falante profícuo porque conhecedor das variedades linguísticas que se manifestam na sociedade.

Em geral, quando interagimos com o outro, regulamos estilisticamente o que falamos ou escrevemos, a fim de garantir a clareza.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

E, é graças à variabilidade de recursos constitutiva da língua – de graus de formalidade & informalidade aos critérios de colocação, re- gências, paralelismos, dentre outros recursos – que essa ação pode ser controlada. Segundo Cressot (1980, p. 14), há uma síntese entre as escolhas lexicais, morfológicas, sintáticas etc., para deixar explíci- to aquilo que se tenciona dizer. Acrescente-se ainda as escolhas que são buriladas pelo fato estético, para causar “efeitos impressivo- expressivos” nos dizeres de Melo (1976), alcançados através do des- vio, aquele que é intencional (cf. Monteiro, 1991), da forma padrão, resultando numa obra-prima do artífice da palavra.

### **2. Expressividade na língua e na literatura**

Galvão (1979, p. 16) esclarece que “procurando exprimir a sua paisagem interior as suas ‘vivências’, luta o escritor por obter a palavra, ao mesmo tempo expressiva e comunicativa, pugna por que a expressividade da *parole* se incorpore na comunicabilidade da *lan- gue*”. Expressividade (no nível da *parole*) e comunicabilidade (no nível da *langue*) se interpenetram e se inter cruzam de maneira tal na língua(gem) resultando em um jogo no qual subjaz a intenção do e- nunciador. Exemplos desse cruzamento da linguagem são vistos nas diversas manifestações linguísticas que se nos apresentam. Vejamos algumas situações:

- nos anúncios ou nas campanhas publicitárias, como o tex- to-propaganda de divulgação da comemoração dos cem anos da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no ano de 2008:

A VÍRGULA A vírgula pode ser uma pausa. Ou não. Não, espere. Não espere. Ela pode sumir com seu dinheiro. 23,4. 2,34. Pode ser autoritária. Aceito, obrigado. Aceito obrigado.	E vilões... Esse, juiz, é corrupto. Esse juiz é corrupto. A vírgula pode mudar uma opinião. Não quero ler. Não, quero ler. Uma vírgula muda tudo. (ABI. 100 anos lutando para que nin- guém mude nem uma vírgula da sua informação. Fonte: <a href="http://i3comunicacao.wordpress.com/2">http://i3comunicacao.wordpress.com/2</a>
---	--

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

A vírgula pode criar heróis.  
Isso só, ele resolve.  
Isso, só ele resolve.

[008/04/09/uma-virgula-pode-mudar-tudo/](#))

- por vezes, em trabalhos técnicos. Observe-se o título de uma matéria de um texto científico:

“Maquiar a linguagem para atenuar a realidade virou mania nacional em tempos de crise”. (*Revista Língua Portuguesa*, Janeiro de 2009, Capa).

- ou quando as palavras desabrocham sentidos não convencionais, motivadas pelo seu potencial icônico:

Há palavras verdadeiramente mágicas. O que há de mais assustador nos monstros é a palavra “monstro”. Se eles se chamassem leques ou ventarolas, ou outro nome assim, todo arejado de vogais, quase tudo se perderia do fascinante horror de Frankenstein... (QUINTANA, Mario. *Prosa & Verso*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1985).

Na linguagem literária, lapidar a palavra para torná-la estética é trabalho constante do artista. Coseriu (1987, p. 75) pondera que “não é um paradoxo, nem uma frase feita, dizer que um grande poeta utilizou todas as possibilidades que a língua lhe oferecia”. E quem há de ignorar tal assertiva quando se depara com a magia das palavras em um poema, um conto, um romance, uma letra-de-música? Muitas vezes, as palavras estão lá dispostas e, mesmo que à primeira vista pareçam despreziosas, o resultado é latente, encantatório. De fato, o grau de poeticidade de um texto é motivado pelo potencial “impressivo-expressivo” (Melo, 1976) ou, em outras palavras, o potencial icônico da língua se revela em *semioses ilimitadas*, a cada sentido possível que salta às palavras.

O estilo é, pois, imanente à língua, ou melhor, naquilo que ela tem de expressivo, nem sempre exclusividade do texto literário. Segundo Monteiro (1991, p. 25), “a função poética não se acha confinada aos textos poéticos, mas a todo discurso que se afasta da linguagem denotativa para obter efeitos expressivos”.

As palavras do autor balizam nossas considerações acerca da estreita relação entre Gramática e Estilística. Os exemplos sugeridos, ainda que escassos, ratificam a confluência entre essas duas áreas do conhecimento sem o risco de eliminar a identidade de uma na outra;



ao contrário as identidades se conjugam na interface entre elas para produzir sentidos.

**3. *Quando o estudo estilístico com base nas figuras de linguagem se torna (im)produtivo***

Vem da *Retórica* e da *Poética* de Aristóteles a introdução das figuras de linguagem como escopo dos estudos estilísticos. No ínterim entre a chamada Estilística Retórica e a Estilística Moderna, a nomenclatura que se fundamenta nas figuras de linguagem enfrenta altos e baixos como salienta Martins (1997, p. 19-20):

Com o seu gênero classificatório, Aristóteles ordena, divide, subdivide os múltiplos elementos da arte oratória e da poética, mas não se detém numa classificação pormenorizada das figuras de linguagem. Seriam os retóricos posteriores que iriam multiplicar as observações sobre os fenômenos da expressão, elevando incessantemente o número das denominações e complicando a sua classificação.

(...)

Com a profunda mudança de ideias que se dá a partir do século XVI-II (Romantismo), com a valorização do individual e repúdio de normas estabelecidas e da imitação como princípio artístico, a Retórica cai em desprestígio, passa até a ser ridicularizada. *Muito contribuiu para isso a obsessão da nomenclatura, da classificação pela classificação, que fazia do texto literário um pretexto para a identificação e denominação das figuras, com prejuízo da emoção e do prazer que ele deveria proporcionar.* Charles Bally, por exemplo, rejeita a complicação retórica para classificar aquilo que ele chama simplesmente “categorias expressivas” com termos técnicos rebarbativos e pedantes e que não designam tipos definidos. (...). *Não obstante os repetidos ataques à nomenclatura retórica, termos como metáfora, metonímia, onomatopeia, prosopopeia, alegoria, hipérbole, anacoluto, zeugma, etc. continuaram a ser usados, não tendo sido substituídos nem dispensados.* (Grifos nossos).

O panorama apresentado por Martins (1997) elucida de maneira auspiciosa o estudo estilístico com base nas figuras de linguagem, com ressalvas para que o estudo não se fixe apenas no levantamento da nomenclatura em prejuízo dos resultados expressivos que se revelam nas figuras.

Como demonstrado no excerto de Martins (1997), Aristóteles, o precursor da *Retórica* não se preocupou com o exímio de pormenorizar o quadro de sistematização das figuras. Essa tarefa ficou por

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

conta dos retóricos posteriores que, em geral, seguiram o padrão de classificação através da modificação na linguagem nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico (originando os *tropos*). Assim, encontramos à nossa disposição um grande número de figuras, um desafio para aqueles que se ocupam em classificá-las ou estudá-las. Na nossa literatura, Hênio Tavares (1978) apresenta um trabalho lucubante que se destaca, baseando-se na imagem visual (fanopeia), na carga musical (melopeia) e no efeito lógico (logo-peia), diferenciando os desvios ou rupturas do código linguístico em *figuras* e *tropos*, que contribuem para a constituição de uma obra poética em cada caso isolado e em sua medida.

A questão que se nos impõe é a forma como figuras e *tropos* são atrelados às aulas de leitura. Considera-se demasiado insuficiente insistir na simples identificação do fenômeno linguístico-expressivo que salta aos olhos do leitor de um texto. Perscruta-se, então, o fruto da intuição criadora do artífice da palavra, a fim de captar os sentidos inerentes à linguagem, aos recursos usados na mensagem. É importante que a identificação da figura ou do *tropos* resulte da percepção do funcionamento delas numa situação discursiva, qual seja a de redefinir um determinado conceito ou referente, criando efeitos novos, que impressionam e chamam a atenção do leitor ou receptor. Afinal, as expressões figurativas renovam, inovam e enriquecem a significação das palavras.

A nomenclatura é, pois, consequência dos recursos expressivos, não uma “camisa de força” no ensino. Antes, ela é de basilar interesse do linguista ou do investigador do estilo, como sugere Tavares (1978).

### ***4. Considerações finais***

O avanço nas teorias linguísticas e na prática pedagógica já consolidou a máxima de que o ensino de língua portuguesa implica em preparar o aluno para lidar com a linguagem nas diversas situações de uso e manifestações, incluindo-se a estética.

A articulação entre as disciplinas Gramática e Estilística se impõe no sentido de possibilitar o estudo com base nos aspectos

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

multifuncionais das palavras em um texto. Integram-se recursos linguísticos aos expressivos a fim de resgatar sentidos do texto.

Presume-se que ao invés de se insistir no ensino tradicional focado apenas na língua dos salões (a norma padrão), condenando, por exemplo, os usos como a colocação pronominal no início de frases, ou ainda, insistir na ingênua preocupação de um ensino puramente metalinguístico, é mais sensato apostar-se em saídas que viabilizam mostrar a eficácia de cada uso linguístico de acordo com a situação comunicativa. Destarte, o domínio da variante padrão é visto como uma necessidade, não como forma única de linguagem inteligível para se comunicar. O não domínio ou o escasso domínio da norma padrão, pode impedir que o falante/ouvinte da língua perceba as nuances estilísticas da língua(gem). Em suma, para fazer sentido, “o tratamento da gramática no espaço escolar há de respeitar a natureza da linguagem, sempre ativada para a produção de sentidos, o que se opera nesse jogo entre restrições e escolhas que equilibra o sistema”, pondera Neves (2006, p. 85).

O aproveitamento de letras-de-música, somando-se ao aproveitamento de outros gêneros textuais que circulam na sociedade, vem conquistando cada vez mais espaço nas salas de aula, uma vez que é um material rico em possibilidades de manifestações linguísticas, próximas ou desconhecidas do universo linguístico do estudante, mas que compõem o universo linguístico da língua nacional, além do inestimável valor poético que se pode reconhecer em grande parte da obra fonográfica brasileira.

### REFERÊNCIAS

CAMARA JR., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª impr. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 2004. (Coleção Linguística e Filologia).

\_\_\_\_\_. *Dicionário de linguística e filologia*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1987, p. 13-85.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

CRESSOT, Marcel. *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1980.

GALVÃO, Jesus Belo. *Subconsciência e afetividade na língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London & New York: Edward Arnold, 1985.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Maria Tereza G. Língua Portuguesa: da sua celebração em forma de textos. In: VALENTE, André. (Org.). *Aulas de português: perspectivas inovadoras*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 217-234.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

SIMÕES, Darcília. *Fonologia em nova chave*. Considerações sobre a fala e a escrita. 2ª ed. corrigida e atualizada. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2005.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.